

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE – IEAA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA INGLESA E SUAS
LITERATURAS

LANA VERAS FERREIRA

A FORÇA NO SEU LADO COLORIDO: A EDUCAÇÃO SEXUAL COM
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

HUMAITÁ – AM

2025

LANA VERAS FERREIRA

**A FORÇA NO SEU LADO COLORIDO: A EDUCAÇÃO SEXUAL COM
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras – Português e Inglês.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Gomes

HUMAITÁ – AM

2025

LANA VERAS FERREIRA

**A FORÇA NO SEU LADO COLORIDO: A EDUCAÇÃO SEXUAL COM
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO E GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas Literaturas da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras – Português e Inglês.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Roberto Gomes - UFAM
Orientador

Profa. Dra. Elis Regina Fernandes Alves - UFAM
Avaliadora

Profa. Dra. Eliane Regina Martins Batista- UFAM
Avaliadora

Dedico este trabalho a comunidade
LGBTQIAPN+

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. José Roberto Gomes, meu digníssimo orientador, por sua paciência, orientação, amizade e incentivo ao longo deste processo. Sou eternamente grata por tudo que fez e faz por mim, por tantas vezes me mostrar que desistir não é uma opção e ressaltar que somente resistindo aos processos poderei chegar a qualquer lugar.

Agradeço profundamente a Maria Ozana Pereira Ferreira, minha mãe, uma mulher batalhadora que sempre foi pai e mãe. Obrigada por nunca desistir de lutar, pelas incansáveis noites de trabalhos, por sempre se fazer presente nas etapas mais difíceis desta luta, pelo apoio emocional e compreensão para com as minhas escolhas.

Aos colegas de classe pela compreensão das ausências, pelos afastamentos temporários, pelas vezes em que não mediram esforços para me ajudar, apoio emocional, incentivo não só durante a trajetória acadêmica, mas também, na realização deste trabalho.

Agradeço aos professores do Curso de Letras, que ao longo dessa trajetória proporcionaram conhecimentos, reflexões e experiências fundamentais para a minha formação acadêmica e pessoal. Cada disciplina, leitura e debate contribuíram para ampliar meu olhar e fortalecer minha caminhada.

A Rosiquerli Silva de Lima, minha colega e futura pedagoga, que foi voluntária do Projeto de Extensão que resultou neste Trabalho de Conclusão de Curso. Sua participação e registros feitos ao longo dos meses foram essenciais, ajudaram a abrilhantar este trabalho.

A todos aqueles que participaram deste e de outros trabalhos, fica aqui meu agradecimento pela sua colaboração e disposição no processo de obtenção de dados, vocês foram essenciais, e de fato, não poderia deixar de mencionar.

A cada pessoa que passou pela minha vida durante esses anos de graduação e de pesquisas.

“Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre”

(Simone de Beauvoir).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é resultado do Projeto de Extensão na Escola aplicado com estudantes do Ensino Médio e com estudantes do curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM que se propôs desenvolver estratégias didáticas de se fazer Educação Sexual na Escola, pois há grandes dificuldades para abordagem de questões relativas à sexualidade e gênero em função de preconceitos, mitos e desconhecimento relativo à temática. Desta forma, o Projeto de Extensão que realizamos quis propiciar um ambiente escolar colorido como força de transformação de uma sociedade que educa para a sexualidade e não apenas orienta. Desse modo, o Projeto de Extensão se articulou com o Programa Saúde na Escola (Decreto 1.004/2023). Em outras palavras, pode-se afirmar que a Educação Sexual contém a Orientação sexual na medida em que nos princípios da abordagem dos direitos humanos possibilita falar, explicitar, problematizar e desconstruir as representações negativas socialmente impostas a sujeitos com identidades “excluídas” e amplia as discussões técnicas que envolve apenas apontar o biológico ou distribuir preservativos. Nesse sentido, constitui um processo educacional político e comprometido com a construção de uma sociedade melhor, menos desigual, mais humana a discussão sobre Gênero como parte integrante da Educação Sexual. Dessa forma, fica claro que a Educação sexual e interdisciplinar deveria ser tema transversal no qual educadores/as pudessem promover o esclarecimento de dúvidas e concepções distorcidas que os estudantes possuem sobre diversos temas dessa área. Trabalhar esse tema no ambiente escolar demanda uma abordagem contínua, sensível e contextualizada, capaz de acompanhar o desenvolvimento físico, emocional e social dos jovens. Por isso, optamos pelo uso das metodologias participativas que valorizam o protagonismo juvenil e transformam os alunos em sujeitos ativos na construção do conhecimento. Roda de conversa, debates, dinâmica e estudos de caso possibilitaram um ambiente de diálogo aberto e acolhedor, no qual dúvidas podem ser expressas sem medo ou constrangimento. Fez-se a escolha de trabalhar a Educação Sexual com dois grupos diferentes em níveis de ensino distintos: Educação básica com a etapa do Ensino Médio e graduandas de Pedagogia. Percebe-se que há uma necessidade de discussão sobre a temática tanto nas escolas quanto na graduação, e isso é reforçado quando os próprios alunos e as graduandas mencionam que deveria haver atividades voltadas para essas questões dentro da escola e na universidade, uma vez que é nítido que a comunidade escolar e acadêmica carrega consigo certo receio em discutir gênero e sexualidade mesmo que seja na perspectiva da Educação Sexual.

Palavras-chave: Educação Sexual. Ensino Médio. Graduação.

ABSTRACT

This course completion work is the result of the School Extension Project applied with High School students and with students of the Pedagogy course of the Institute of Education, Agriculture and Environment - IEAA/UFAM that proposed to develop didactic strategies to do Sex Education at School, because there are great difficulties in approach to issues related to sexuality and gender due to prejudices, myths and ignorance related to the theme. In this way, the Extension Project we carried out wanted to provide a colorful school environment as a transforming force of a society that educates for sexuality and not only guides. So, the Extension Project was articulated with the School Health Program (Decree 1,004/2023). In other words, it can be said that the Sex Education contains Sexual Orientation to the extent that in the principles of the human rights approach it makes it possible to speak, explain, problematize and deconstruct the negative representations socially imposed on subjects with "excluded" identities and expands the technical discussions that involve only pointing out the biological or distributing condoms. In this sense, the discussion on Gender as an integral part of Sex Education constitutes a political educational process and committed to the construction of a better, less unequal, more humane society. In these ways, it is clear that Sex Education is interdisciplinary and should be a cross-cutting theme that educators could promote the clarification of doubts and distorted conceptions that students have on various topics in this area. Working on this theme in the school environment requires a continuous, sensitive and contextualized approach, capable of following the physical, emotional and social development of young people. In addition, we opted for the use of participatory methodologies that value youth protagonist and transform students into active subjects in the construction of knowledge. Conversation wheel, debates, dynamics and case studies have enabled an environment of open and welcoming dialogue, in which doubts can be expressed without fear or embarrassment. We chose to work on Sex Education with two different groups at different levels of education: Basic education with the High School stage and Pedagogy graduates. It is noticed that there is a need for discussion on the subject both in schools and in undergraduate studies, and this is reinforced when the students themselves mention that there should be activities focused on these issues within the school and at the university, since it is clear that the school and academic community carries with it a certain fear of discussing gender and sexuality even if it is from the perspective of Sex Education.

Keywords: Sex Education. High School. Graduation.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso é resultado do Projeto de Extensão na Escola aplicado com estudantes do Ensino Médio e com estudantes do curso de Pedagogia do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM que se propôs desenvolver estratégias didáticas de se fazer Educação Sexual na Escola, pois há grandes dificuldades para abordagem de questões relativas à sexualidade e gênero em função de preconceitos, mitos e desconhecimento relativos à temática. Sendo a escola um ambiente de aprendizagem espera-se que seja um lugar em que a pluralidade esteja presente e, portanto, não deve se abster da responsabilidade de discutir assuntos que promovam o pleno desenvolvimento de cidadãos e não fuja da compreensão de sua própria orientação sexual.

Desta forma, o Projeto de Extensão que realizamos quis propiciar um ambiente escolar colorido como força de transformação de uma sociedade que educa para a sexualidade e não apenas orienta, nesse sentido, se objetivou em apresentar a força no seu lado colorido pela perspectiva da Educação Sexual com estudantes do Ensino Médio e graduação em Pedagogia. Sendo assim, o Projeto de Extensão se articulou com o Programa Saúde na Escola (Decreto 1.004/2023), que foi reabilitado depois de ter sido abandonado pelas políticas públicas do Governo de Bolsonaro que entendia que não se deveria discutir Educação Sexual nas escolas. O Decreto estabelece que a Educação sexual esteja no rol de ações da Saúde na Escola como “saúde sexual e reprodutiva e prevenção a HIV/IST” e deve ser interdisciplinar em sua abordagem.

Falar de Educação Sexual é compreender os aspectos fisiológicos e psicológicos envolvidos no comportamento sexual, bem como a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e da gravidez precoce, e assim auxiliar no reconhecimento de situações de abuso, que são frequentemente detectadas no ambiente escolar por meio, por exemplo, da observação de mudanças no comportamento da criança ou do adolescente.

Segundo pesquisa realizada por Pecorari, Cardoso e Figueiredo (2005), os programas de orientação sexual fornecidos pelas escolas são remediativos e não priorizam o enfoque preventivo. A prevenção é um fator a ser incluído no programa da escola, ao mesmo passo em que se torna uma fala incongruente, uma vez que Pecori, Cardoso e Figueiredo (2005) afirmam que uma das formas ideais de se abordar o assunto seria apenas quando apresentada alguma demanda. Entende-se que os programas de orientação sexual apresentados visavam sanar dúvidas imediatistas dos alunos, não transformando a informação em comportamento preventivo. Contudo, conclui-se que os temas abordados referiam-se basicamente a mostrar e distribuir métodos contraceptivos e conceituação

biológica, não havendo uma educação com o estudante para desenvolver competências e ampliar as habilidades que compreendam de modo mais amplo o que seja a sexualidade e o gênero.

Dessa forma, sem prejuízo ao tratamento da orientação sexual por parte dos órgãos da Saúde em seus esclarecimentos a Educação Sexual procura, dentre vários fatores, compreender o ser humano em sua relação com seu próprio corpo, bem como com o corpo do outro. Sendo a escola um ambiente formativo e humanizador, constitui-se como espaço propício para promover o entendimento acerca da sexualidade e suas nuances. Em outras palavras, pode-se afirmar que a Educação Sexual contém a Orientação sexual na medida em que nos princípios da abordagem dos direitos humanos possibilita falar, explicitar, problematizar e desconstruir as representações negativas socialmente impostas a sujeitos com identidades “excluídas” e amplia as discussões técnicas que envolvem apenas apontar o biológico ou distribuir preservativos.

Nesse sentido, a Educação Sexual constitui um processo educacional político e comprometido com a construção de uma sociedade melhor, menos desigual e mais humana. Entende-se que a discussão sobre Gênero como parte integrante da Educação Sexual possibilita compreender a manutenção da opressão sofrida pelas mulheres nas relações de poder de gênero, das fobias criadas em relação aos membros da comunidade LGBTQIAPN+, dos estupros cometidos dentro de casa com crianças e adolescentes por não terem uma educação sexual que possibilite reconhecer abusadores, e outras situações ligadas aos entraves em não praticar Educação Sexual.

A escola deve ser o local de acolhimento onde os alunos sintam-se inseridos em sua diversidade. Entretanto, alguns ambientes escolares têm se tornado um dos maiores vilões para alunos LGBTQIAPN+, pois se sentem reprimidos, desvalorizados ou mesmo excluídos da comunidade estudantil e até mesmo da sociedade, pela forma como muitos colegas e professores os tratam. É cada vez mais frequente o número de alunos que não conseguem manter boas relações no ambiente escolar.

A ausência de uma Educação para a sexualidade e o gênero repercute em práticas preconceituosas feitas pelos estudantes na escola ao participarem de jogos e em modalidades como queimada ou vôlei, clube de dança, tocar na fanfarra da escola. Por exemplo na fanfarra

há um instrumento chamado *prato* que é considerado apenas para mulheres e quando um menino demonstra o interesse em tocar é tratado como efeminado e falas maldosas dos colegas, chacotas nos corredores e até mesmo se tornam o rosto “anormal”. Outro exemplo dessa ignorância de uma Educação Sexual é o medo que os alunos do sexo masculino carregam consigo por pensar que na chamada do diário escolar seu número venha a ser o “24”, ligando ao fato de que no jogo do bicho o número citado se refere ao “veado”, isso faz com que se fortaleça ainda mais os discursos de ódio e deboches constantes apregoados pelos demais alunos dentro do âmbito escolar.

As meninas ao manifestarem preferência por roupas mais largas, não utilizar maquiagem, ter paixão por futebol ou desejo de praticarem outros esportes dentro do ambiente escolar, muitas vezes são apontadas pelos colegas como masculinas, “sapatão”, “mulher macho” ou mesmo “trocadas de corpo”. Isso é bem mais frequente do que imaginamos e a cada dia se reforça o estereótipo machista e sexista que insiste em apontar qual seria o lugar, esporte ou vestimenta correta para uma mulher.

Pessoas transgênero são as que mais sofrem constantes ataques, seja por falas maldosas ou olhares tortos que parecem não ter um fim, proibição para participarem do que desejam ou apoio minimizado advindo da escola. É claro, não podemos desmerecer a dor dos outros indivíduos aqui mencionados, até porque todos estão em uma mesma situação onde os seus enfrentamentos são vivenciados de forma silenciosa, uma vez que a escola não lhes possibilita acesso a psicólogos, grupos de conversas ou adota práticas que amparem esses alunos. Dessa forma, fica claro que a Educação sexual e interdisciplinar deveria ser tema transversal em que educadores/as pudessem promover o esclarecimento de dúvidas e concepções distorcidas que os estudantes possuem sobre diversos temas dessa área. Pois, em muitos casos, a ignorância contribui para a ocorrência de graves problemas sociais, como a gravidez precoce, abuso sexual, aborto, Doenças Sexualmente Transmissíveis/DST, além de diversas formas de preconceito e discriminação, como a homofobia, a misóginia, o sexismo e as mais diversas formas de bullying que ocasionam vários tipos de violência, segregações e exclusões.

Reconhecemos que não é apenas apontar um culpado para essas questões, mas ressaltamos aqui a responsabilidade dos educadores que, é muito grande, principalmente com relação ao papel exercido por estes dentro de uma instituição de ensino que está a serviço de formar cidadãos e cidadãs potencialmente reflexivos e críticos. É importante mencionar que a família também é responsável por lidar com os conflitos gerados, principalmente na equidade entre gênero.

2. METODOLOGIA

A educação sexual, enquanto componente essencial da formação integral dos estudantes, exige metodologias que ultrapassem a simples transmissão de informações biológicas. Trabalhar esse tema no ambiente escolar demanda uma abordagem contínua, sensível e contextualizada, capaz de acompanhar o desenvolvimento físico, emocional e social dos jovens. Nesse sentido, metodologias participativas ganham destaque, uma vez que valorizam o protagonismo juvenil e transformam os alunos em sujeitos ativos na construção do conhecimento. Roda de conversa, debates, dinâmica e estudos de caso possibilitam um ambiente de diálogo aberto e acolhedor, no qual dúvidas podem ser expressas sem medo ou constrangimento. Essa postura contribui não apenas para o aprendizado, mas também para o fortalecimento da autonomia e da capacidade de reflexão crítica dos estudantes.

Desse modo, escolhemos a metodologia participativa na execução do Projeto de Educação Sexual na Escola, pois de acordo com Araújo (2017), participação significa partilhar, qualidade de ter parte ou de fazer atividades em conjunto. Já colaboração tem o sentido de trabalhar em comum acordo, contribuir para a realização de algo. A importância de enfatizar esses termos reside no fato de que dialogam entre si e são termos-chave para a metodologia de ensino participativa, foco desta pesquisa. A metodologia participativa impacta nas pessoas envolvidas no processo porque estas interagem nas decisões tomadas, como veremos nos resultados apresentados em que os participantes são instigados a decidirem nas dinâmicas propostas.

Segundo Brose (2010), todos merecem respeito e possuem a mesma oportunidade de expor suas opiniões e as metodologias participativas, nesse sentido, constituem ferramentas para mitigar as constantes exclusões que caracterizam as metodologias tradicionais. A experiência com os processos participativos permite desvendar que participação não é harmonia, uma vez que a sociedade se baseia no conflito pelo poder, desde o plano local até o destino dos rumos da nação. Sendo assim, a metodologia participativa precisa ser caracterizada como um processo contínuo, que exige adaptação, a cada instante, de acordo com o grupo e a realidade em que está sendo trabalhada.

Por isso, a escolha de trabalhar a Educação Sexual com dois grupos diferentes em níveis de ensino distintos porque transforma o ensino em um espaço de diálogo, reflexão e

construção coletiva de conhecimento. Tanto adolescentes do Ensino Médio quanto jovens universitários possuem vivências, dúvidas e necessidades distintas, que não podem ser contempladas apenas por aulas expositivas. A participação ativa dos estudantes torna-se, portanto, essencial para que o processo educativo seja significativo e transformador. No Ensino Médio, isso fortalece a capacidade de tomada de decisão. Na graduação, prepara os graduandos para serem profissionais mais conscientes e éticos. Para adolescentes, ajuda a compreender e lidar com descobertas e pressões sociais colocadas por uma cultura que só orienta. Para universitários, possibilita debates mais maduros sobre sexualidade, consentimento, afetividade e saúde sexual, fornecendo instrumentos para utilizar futuramente em sala de aula.

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes do Ensino Básico da etapa do Ensino Médio e graduandas do Curso de Pedagogia do IEAA-UFAM. No caso, dos estudantes do Ensino Médio houve a assinatura do Termo de Ciência da Escola para aplicação do Projeto em Educação Sexual e a participação se deu voluntariamente por preenchimento dos alunos de diferentes séries do Ensino Médio, do primeiro ao terceiro ano. Em relação às envolvidas do Ensino Superior a escolha foi com as graduandas do Curso de Pedagogia depois de convite feito à professora coordenadora do PIBID do referido curso, que achou oportuno envolver suas alunas pela necessidade de aprender a discutir a temática da Educação Sexual. Foram realizadas três oficinas com os estudantes do Ensino Médio e também três oficinas com as graduandas. Tanto na escola com os alunos de ensino médio quanto na universidade com as alunas da graduação foram aplicadas as mesmas dinâmicas.

3. COLORINDO COM EDUCAÇÃO SEXUAL

Partimos do estudo dos livros *Mitos e Tabus, Educação Sexual: Possível?* e a *Cartilha de Atividades LGBTQIAPN+*, com as temáticas sobre “O que é educação sexual?”, “O que é orientação sexual?” e “Identidade, Sexualidade e Identidade de gênero”. Esses posteriormente foram temas das atividades/oficinas realizadas tanto com os alunos do Ensino Médio quanto com as alunas da graduação.

O primeiro material se trata de um ebook educativo, intitulado *Mitos e Tabus, Educação Sexual: Possível?*, voltado para pais e educadores. O livro trata como devemos falar de sexualidade com crianças e adolescentes, dando ênfase ao fato de que a

educação sexual é um direito, uma forma de proteção e autoconhecimento. Neste material fica explícito que a Educação Sexual não é um incentivo à prática sexual, como muitos ainda acreditam.

O segundo material utilizado foi a *Cartilha de Atividades LGBTQIAPN+*, voltada para a comunidade LGBTQIAPN+, crianças, adolescentes, discentes e docentes que buscam entender sobre sexualidade e identidade de gênero. A partir dela que foi possível compreender os processos que nos levaram às rodas de conversas, reflexões críticas sobre os padrões heteronormativos e de que forma poderíamos estimular o respeito as diferenças. Essa cartilha é uma espécie de guia, pois, ela nos apresenta situações e no final nos dá possibilidades de atividades a serem realizadas para combater problemáticas específicas e tentar de alguma forma dialogar sobre o que se entende por certo, errado ou tradicional.

3.1 OFICINA COM OS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

A oficina intitulada Educação sexual x Orientação sexual aplicada na escola não foi obrigatória, sendo assim, neste dia apenas quatro alunos participaram e a oficina se desenvolveu da seguinte forma: apresentação do projeto e a sua relevância.

A oficina foi proposta por meio da cartilha de conscientização referente ao mês do Orgulho Gay e visava apenas demonstrar na prática que não conhecemos concretamente sobre “orientação sexual e educação sexual”. Nesse sentido, fizemos a separação de alguns termos recortados, sendo eles: corpo humano, puberdade, consentimento, métodos contraceptivos, preservativo, gravidez, ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), menstruação, masturbação, limites, abuso sexual, respeito ao corpo, prevenção, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade, pansexualidade, assexualidade, LGBTQIA+, identidade de gênero afeto, diversidade, respeito, autenticidade, liberdade de amar, preconceito e aceitação.

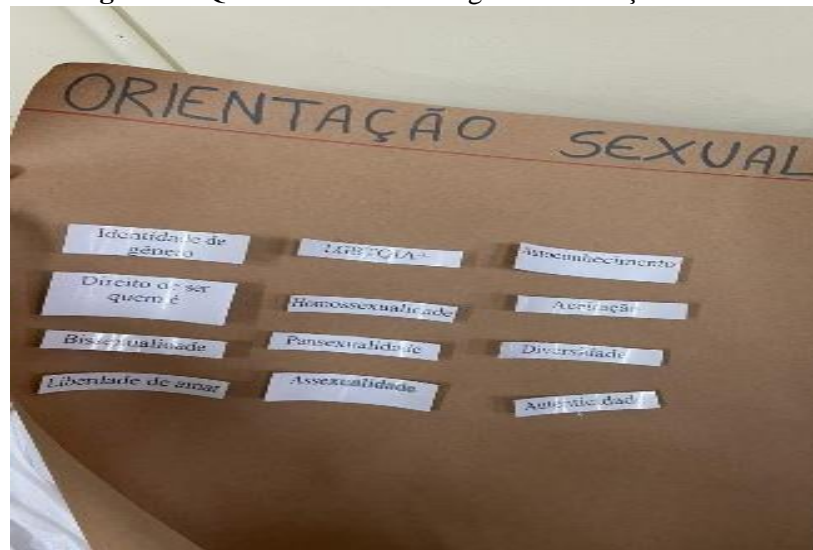
Com esses termos recortados sobre a mesa pedimos que os alunos colassem os termos em uma folha de papel madeira, apontando qual termo estaria voltado para a educação sexual e qual seria para a orientação sexual. O resultado foi o seguinte:

Tabela 1 - Termos colados segundo a concepção dos alunos do ensino médio

Orientação sexual	Educação Sexual
Identidade de gênero	Gravidez
Direito de ser quem é	Prevenção
Bissexualidade	ISTs
Liberdade de amar	Puberdade
LGBTQIA+	Menstruação
Homossexualidade	Corpo humano
Assexualidade	Diversidade
Autoconhecimento	Respeito
Aceitação	Preconceito
Autenticidade	Relacionamento saudável
Panssexualidade	Heterossexualidade
	Métodos contraceptivos
	Respeito
	Respeito ao corpo
	Preservativo
	consentimento
	limites
	afeto
	masturbação
	abuso sexual

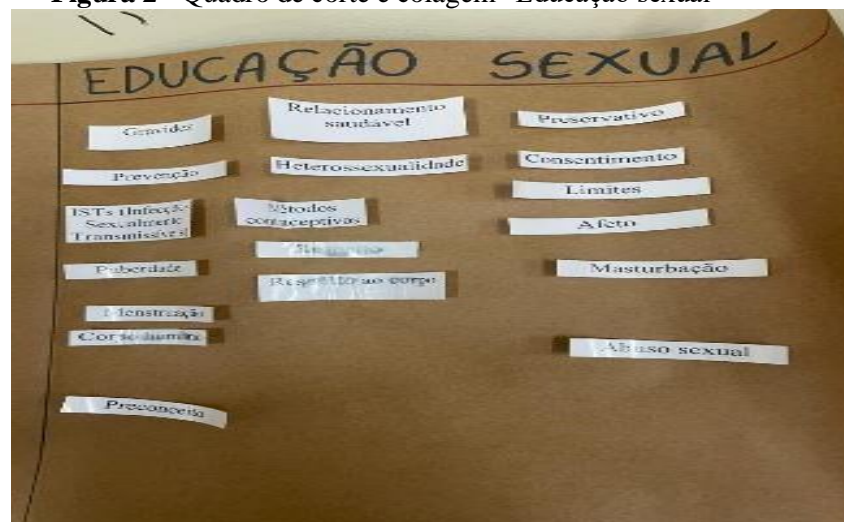
Fonte: Veras (2025).

Figura 1 - Quadro de corte e colagem “Orientação sexual”.



Fonte: Silva (2025).

Figura 2 - Quadro de corte e colagem “Educação sexual”



Fonte: Silva (2025).

Após a colagem apresentamos a conceituação de Educação Sexual e Orientação sexual. Explicou-se que os temas são confundidos, em função do desconhecimento de parte da sociedade, com o uso, em ambiente de aprendizagem, de práticas associadas ao erotismo, o que gera, em algumas famílias, desconforto e um sentimento de superproteção, que priva os alunos do acesso à informações. Segundo Medeiros (2020) a Educação Sexual procura, dentre vários fatores, compreender o ser humano em sua relação com seu próprio corpo, bem como com o corpo do outro. Enquanto a orientação sexual diz respeito objetivo informar e

orientar crianças, adolescentes e adultos para que possam tomar decisões seguras e conscientes em relação temas como: puberdade, consentimento, métodos contraceptivos, ISTs (infecções sexualmente transmissíveis) e gravidez. A educação para a sexualidade visa problematizar os discursos naturalizados no âmbito da cultura, questionando as certezas, permitindo, assim, outras possibilidades de pensar a sexualidade e de compreender como nos constituímos através de relações de saber e poder.

Desse modo, vemos nos termos colados pelos estudantes a dificuldade que provoca a ausência da Educação Sexual entendida como orientação sexual em paralelo conceitual. Pois, no quadro orientação os alunos colaram: Identidade de gênero, bissexualidade, aceitação, homossexualidade e outros termos que não dialogam com o conceito de orientação como educação. Já no quadro de educação sexual aparecem termos que estariam ligados à orientação como: métodos contraceptivos, gravidez, ISTs.

Segundo Louro (2007), a orientação sexual reduzida à concepção biológica da sexualidade, o corpo, o sexo constituem apenas um dos aspectos que permeiam a sexualidade humana e, assim é reducionista. Segundo a autora se faz necessário a Educação Sexual, “fantasias, valores, linguagens, rituais, comportamentos, representações mobilizados ou postos em ação para expressar desejos e prazeres” (Louro, 2007, p. 209 - 210). Depois da explicação mostramos aos alunos que havia um entendimento equivocado, pois a maioria dos termos foi colada no lado contrário.

A segunda oficina com os alunos do ensino médio foi intitulada: “Identidade, Sexualidade e Identidade de Gênero”. Começamos orientando a confecção de um personagem para que pudéssemos depois trabalhar a temática, sendo assim, dispusemos de materiais como recortados com partes do corpo humano, cabelos, olhos, órgãos sexuais dos mais diversos tamanhos e cores; além de tatuagens, acessórios, roupas. Pedimos que confeccionassem um personagem que tivesse as características escolhidas pelo grupo com uma identidade sexual e nome. Os alunos se dividiram e formaram grupos, conforme nossa metodologia de pesquisa participativa.

Após a confecção, cada grupo comentou um pouco sobre o corpo que havia produzido. O primeiro sujeito apresentado se chamava Seam, uma pessoa transsexual que enfrentava diversos problemas, conflitos internos e familiares, os alunos mencionaram que esse sujeito sofria de depressão e lutou muito para se reconhecer como pessoa transsexual.

O segundo sujeito a ser apresentado se chamava Bernadete, uma mulher negra, bissexual, que estava em busca de se entender como pessoa, pois, se autodeclarava como bissexual, mas no fundo ainda não compreendia; os alunos mencionaram que ela era uma pessoa divertida e que gostava de se aventurar.

Em seguida, após a exposição feita pelos alunos dos seus personagens/ sujeitos, começamos o debate explicando o que é identidade, sexualidade e identidade sexual. Segundo Medeiros (2020), a identidade são as representações sociais que se assume na cultura: ser professor/a, ser músico/a, etc. A sexualidade está relacionado à capacidade do indivíduo em sentir atração emocional. Já a identidade de gênero é na verdade construída nas relações sociais que atravessam discursos, ou seja, corresponde à percepção que a pessoa tem de si, como uma experiência interna e individual do gênero que pode ou não corresponder ao sexo biológico.

Essa discussão conceitual apresentada aos alunos relacionada a dinâmica os fez perceberem que o nome dado ao personagem é uma identidade (Seam e Bernadete), as características da sexualidade por eles denominada dos personagens e a identidade sexual dos personagens compõe a diversidade sexual que pode ser adotada e reconhecida nas diferentes possibilidades de expressão da sexualidade ao longo da existência dos seres humanos. Portanto, não existe só uma possibilidade de expressão da sexualidade ao longo da vida, ou seja, um único modelo válido de experiência sexual. A sexualidade em toda sua dimensão humana dialoga com as identidades, como representação (ser mãe, ser pai), com a identidade. Esta oficina permitiu que a educação sexual problematizasse e desconstruísse os modelos hegemônicos e naturalizados de se compreender e viver a sexualidade, entendidos como discursos performáticos que produz os sujeitos (Buttler, 2003).

Figura 3 - Oficina: “Identidade, Sexualidade e Identidade de Gênero”.



Fonte: Silva (2025).

Figura 4 - Oficina: “Identidade, Sexualidade e Identidade de Gênero”.



Fonte: Silva (2025).

Figura 5 - Oficina: “Identidade, Sexualidade e Identidade de Gênero”



Fonte: Silva (2025).

Ao final das oficinas com os alunos do Ensino Médio pedimos fizessem um relato escrito sobre as oficinas de Educação Sexual com as seguintes perguntas “O que você aprendeu com as oficinas?”, “Você acha que deveria discutir essas oficinas em sala de aula, se sim, por que”? Se não, por quê? Os sujeitos que responderam foram identificados com as iniciais de seus nomes resguardando suas privacidades.

A aluna E do ensino médio relatou:

Com as oficinas eu aprendi que temos que ter mais empatia pelo próximo e respeitar as suas escolhas, independente de qual ela for, e que entender sobre o que é orientação sexual e educação sexual é muito importante e ainda é caso de problemas.

Essas oficinas tem que ser discutidas em sala de aula porque é algo muito importante que hoje em dia a meu ver causa muitos problemas e ela sendo conversada dentro de sala de aula pode evitar muitos conflitos como homofobia.

Pelo relato da aluna percebemos que se faz necessário esse tipo de oficina, uma vez que os próprios alunos reconhecem sua relevância e compreendem que falar sobre educação sexual pode evitar conflitos e surgimento de homofobias.

O aluno S relatou:

Eu aprendi que falar sobre o tema LGBT e todas fazem parte da comunidade é importante para entender melhor a diferença entre as pessoas e respeitar cada uma dela. Vi que existe muita diversidade na forma que as pessoas se identificam e se expressam e que isso não muda o valor de ninguém. As oficinas ajudaram na quebra do preconceito e mostraram que a empatia e respeito são essenciais para conviver em sociedade.

Essa quebra de preconceito relatada pelo aluno é interessante, pois, percebemos que os alunos sempre fazem comentários nos quais eles imaginam não serem preconceituosos, mas durante as dinâmicas foram apontados alguns desses comentários.

A aluna R relatou:

Na minha opinião eu aprendi que não devemos julgar as pessoas que estão próximas ou não e com relação a sexualidade nós temos que aprender, né, aprender a respeitar e tudo mais...

Eu acho que deveria ter mais discussões sobre isso, sei lá, na escola, em casa e até mesmo ter mais atividades sobre a comunidade, é importante.

O aprendizado durante as oficinas parece ter surtido efeito, pois, diante os relatos percebemos que os alunos demonstraram certa preocupação e interesse por mais discussões sobre educação sexual na escola.

3.2 OFICINAS COM ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Foram aplicadas com estudantes de Pedagogia, integrantes do PIBID, as mesmas temáticas e oficinas pedagógicas sobre Educação Sexual utilizadas com alunos do Ensino Médio. A participação desse nível de ensino na pesquisa foi importante por trazer um público que vai lidar com o ensino, especificamente com a educação infantil e o ensino fundamental. Esta escolha de público dialoga com o Plano Nacional de Educação, Lei 13.005 de 25 de junho de 2014, que trata acerca da importância de se construir uma prática pedagógica pautada em uma educação para a diversidade, conforme meta 13.

13.4) promover a melhoria da qualidade dos cursos de pedagogia e licenciaturas, [...] integrando-os às demandas e necessidades das redes de educação básica, de modo a permitir aos graduandos a aquisição das qualificações necessárias a conduzir o processo pedagógico de seus futuros alunos (as), combinando formação geral e específica com a prática didática, além da educação para as relações étnico-raciais, a diversidade e as necessidades das pessoas com deficiência. (BRASIL, 2014).

Desse modo, discutir a Educação Sexual com pedagogas/os é compreender que os direitos sexuais e as discussões sobre as questões de gênero não fica restrito a problematizações generalistas e sem precisão em sala de aula e com a sociedade. O projeto de Extensão possibilitou a necessidade de que se fale da sexualidade nos cursos de licenciatura, para além da prevenção, dos comportamentos sexuais de risco ou ainda a partir de uma moral sexual opressora heteronormativa.

A primeira oficina, intitulada Educação sexual x Orientação sexual, dispusemos sobre a mesa duas folhas de papel escritas em cada Educação sexual e Orientação sexual. Fornecemos também preservativos feminino/masculino e as mesmas palavras que foram utilizadas pelos alunos do Ensino Médio. As graduandas tiveram que colar cada uma dessas palavras nos papéis referidos onde achavam que pertenciam, nesse sentido, após a colagem, tivemos um levantamento de questionamento do “por quê?” elas teriam separado daquela forma, e a resposta foi bem simples, ainda se tinha apregoadado entre elas uma ideia não tão certa do que seria orientação sexual e o que seria na verdade a educação sexual. Mencionava-se que a educação sexual estava voltada apenas a preservativos e que orientação sexual era apenas a identidade de gênero, conforme quadro abaixo.

Tabela 2 - Termos colados segundo a concepção das alunas da Pedagogia

Orientação	Educação
Aceitação	Preservativos
Puberdade	ISTs
Diversidade	Abuso sexual
Respeito	Identidade de gênero
Heterossexualidade	Consentimento
Direito de ser quem é	Gravidez
Relacionamento saudável	Autoconhecimento
Autenticidade	Respeito ao corpo
Preconceito	Menstruação
Liberdade de amar	Corpo humano
LGBTQIA+	Afeto
Preservativos	Puberdade
Assexualidade	Métodos contraceptivos

	Limites
	Masturbação

Fonte: Veras (2025).

Figura 6 - Oficina Orientação Sexual x Educação Sexual



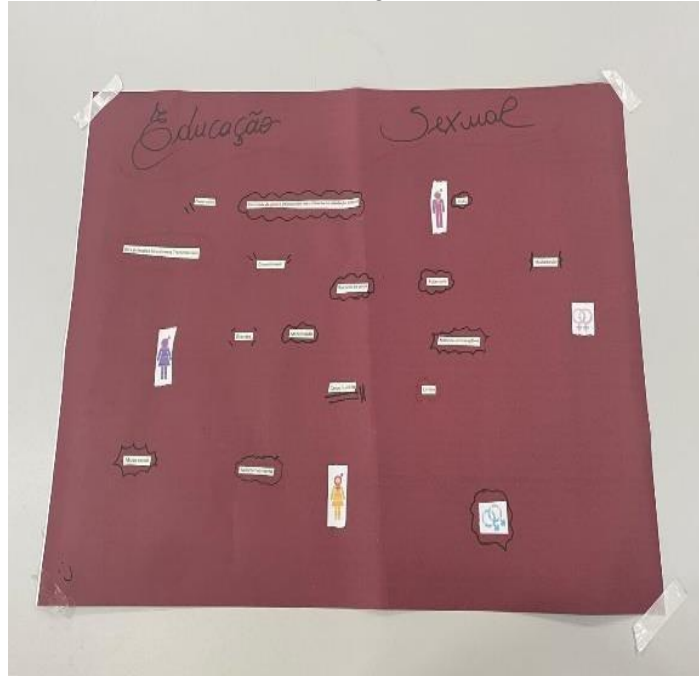
Fonte: Silva (2025).

Figura 7 - Quadro colagem “Orientação sexual”



Fonte: Silva (2025).

Figura 8 - Quadro de colagem “Educação sexual”



Fonte: Silva, (2025).

Assim como ocorreu com os alunos do ensino médio em que houve equívocos na compreensão sobre os termos Educação Sexual e Orientação Sexual, é possível perceber pela colagem que também o engano ocorreu com Graduandas em Pedagogia. Para compreender esse equívoco é preciso fazer o movimento proposto por Foucault a respeito da formação do dispositivo da sexualidade. Segundo Foucault, ao contrário da hipótese repressiva produzida acerca do sexo, o que houve, a partir do final do século XVII, foi a construção de uma rede de discursos acerca desse tema. Essa rede que se estabelece entre os discursos, as instituições, as leis, os enunciados científicos, as questões morais, filosóficas, entre outros elementos, ditos e não ditos, que compõem o dispositivo tem possibilitado uma “incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais” (Foucault, 2007, p. 24), embora essa efervescência de discussões tenha a finalidade de controlar o discurso sobre quem pode fazer e como fazer. Esse dispositivo de poder leva para a vigilância e a confusão de termos.

A segunda oficina foi sobre “Identidade, Sexualidade e Identidade de Gênero”. Foi orientada a confecção de um boneco para trabalhar a temática. Nesse sentido, para ajudar na montagem a equipe colaboradora preparou todo o material para que as alunas utilizassem na montagem dos personagens. As participantes se dividiram e formaram três grupos, cada grupo

trabalhou em conjunto na confecção de seu personagem, dando a ele cabelo, roupa, acessório, órgãos sexuais, olhos, boca, nariz, tatuagens, nomes, apelidos e uma história.

O primeiro grupo criou o Marcos que era um menino Cis, mas que estava nessa fase de descoberta e de entendimento de si. O grupo mencionou que Marcos talvez fosse bissexual, mas ainda estava explorando esse lado.

Figura 9 - Oficina: “Identidade, Sexualidade e Identidade de Gênero”



Fonte: Silva (2025).

O segundo grupo criou o sujeito João Mariazinha que estava na fase de descoberta, não sabia como se identificar, não conhecia bem o seu corpo e ainda estava explorando e se aventurando na vida.

Figura 10 - Oficina: “Identidade, Sexualidade e Identidade de Gênero”



Fonte: Silva (2025).

O terceiro grupo criou Bela, uma menina destemida e a apelidaram de branca padrão, disseram que talvez viesse a ser bissexual, mas não entendia seus sentimentos e de que forma a sua orientação sexual viria a afetar na vida.

Figura 11 - Oficina: “Identidade, Sexualidade e Identidade de Gênero”



Fonte: Silva (2025).

As graduandas embarcaram na dinâmica e criaram sujeitos, histórias e características únicas, visto que, na vida real não somos diferentes, somos pessoas com especificidades e é isso que nos diferencia. Esses conflitos, indecisões e questionamentos levantados nas histórias dos bonecos também são muito reais e fazem parte da realidade de milhares de pessoas.

Depois de construídas os/as personagens se discutiu sobre a temática da oficina tomando como exemplo os sujeitos-bonecos. Segundo Medeiros (2020), o conceito de identidade é construído historicamente por meio da cultura apreendida e das experiências vivenciadas e em meio às relações estabelecidas com o outro, seja este semelhante ou diferente que resulta em representações que começam pelo nome. Apontamos que essa identidade não é fixa, não é imutável, ela é flexível e é mutável, pois é cultural e as pessoas estão em constante transformação, variando interesses e desejos, alterando a forma como se percebem e como veem os outros.

Em relação à sexualidade, segundo Medeiros (2020), o termo tem sido utilizado para se referir à sexualidade de alguém que é “orientação sexual”, a qual está relacionada à capacidade do indivíduo em sentir atração emocional, afetiva ou sexual por pessoas de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero.

Sobre a identidade de gênero, conforme Medeiros (2020), explicou-se que são construídas nas relações sociais, que são atravessadas por discursos, símbolos, representações e práticas que produzem identificação com o masculino e com o feminino. Nesse sentido, essa identificação corresponde à percepção que a pessoa tem de si, como uma experiência interna e individual do gênero, que pode ou não corresponder ao sexo biológico.

Ao final das oficinas, as alunas Pedagogia fizeram um relato escrito sobre as oficinas de Educação Sexual com as seguintes perguntas “O que você aprendeu com as oficinas?”, “Você acha que deveria discutir essas oficinas em sala de aula, se sim, por quê?” Se não, por quê? Os sujeitos que responderam foram identificados com as iniciais de seus nomes resguardando suas privacidades.

Sobre a primeira pergunta a participante G relatou:

Na minha experiência da perspectiva da educação sexual, as experiências que tive nesses encontros foram muito significativas. Pude compreender que a educação sexual vai muito além de falar sobre o corpo e a reprodução, ela envolve o respeito, o autoconhecimento, a diversidade e o diálogo aberto sobre os sentimentos, limites e direitos.

Isso demonstra que o trabalho surtiu efeito e que de primeiro momento a participante pode compreender que falar sobre gênero e sexualidade não se resume a uma coisa só. Sobre as segunda e terceira perguntas a participante T relatou:

A educação sexual nas escolas é fundamental. Ela contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo o autoconhecimento o respeito ao próprio corpo e ao do outro, além de fortalecer valores como empatia e responsabilidade. Muitas vezes, os jovens têm dúvidas sobre sexualidade, gênero e relação afetiva, mas não encontram espaços seguros para dialogar sobre isso. A escola com orientação adequada e embasamento científico, pode oferecer informações confiáveis e ajudar na formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos.

Trabalhar a educação sexual nas escolas é enfrentar diversas dificuldades, uma das principais é o preconceito e a falta de informação sobre o tema. Muitas pessoas ainda associam a educação sexual apenas a prática sexual, na verdade ela aborda valores, afetividade, respeito e autocuidado.

A aluna fez um relato interessante e carregado de críticas, nesse sentido, sentimos o descontentamento da mesma com a forma como são vistos no âmbito escolar as temáticas de gênero e sexualidade e como ela vê essa problemática.

A participante V relatou:

A palavra que definiria uma das experiências que tive nesses encontros é “informação”, pois mesmo estando em um curso de ensino superior, não tinha visto de preservativo feminino, por exemplo, também não sabia a diferença entre educação sexual e orientação sexual e como ou se elas se ligam. Pra mim, a educação sexual nas escolas ou no curso superior deveria ser obrigatória, seja em disciplinas ou minicurso, já nas escolas de redes municipais e estaduais deveria ter um profissional capacitado para ensinar (não apenas orientar), pois em muitos casos os alunos nem o próprio corpo e se alguém mexer, pode até achar normal.

A troca de informações, conhecimento e falar de assuntos relevantes se tornam prazerosos quando se percebe que os ouvintes têm interesse na temática. Isso demonstra que muito mais que falar sobre algo, é preciso motivar a escuta atenta, o entendimento e o aprendizado. Podemos destacar que ao longo dos encontros percebíamos que as participantes se sentiam instigadas a querer saber mais, conhecer e aprender sobre as temáticas propostas, a uma troca, e com isso fica ainda mais evidente o quão necessário foi abordar sobre a Educação Sexual como força no seu lado colorido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, por meio da metodologia participativa que envolveu estudantes do Ensino Médio e da graduação em Pedagogia, se objetivou em apresentar força no seu lado colorido pela perspectiva da Educação Sexual. Na escola junto aos alunos do ensino médio houve a percepção de um lado colorido, ou melhor, de um lado que precisava de alguma forma se colorir, pois nota-se certa curiosidade advinda dos alunos e entusiasmo em participar das oficinas, isso demonstra que alcançamos nosso objetivo, mas também demonstra a escassez de temáticas como essa para incentivar o respeito às diferentes formas de ser e viver. Já na universidade, junto as graduandas, percebemos o discurso de resistir o silenciamento sobre Educação Sexual e de que forma elas poderiam levar a temática de uma forma lúdica para a sala de aula.

Percebe-se que há uma necessidade de discussão sobre a temática tanto nas escolas quanto na universidade, e isso é reforçado quando os alunos, independente do nível, mencionam que deveria haver atividades voltadas para essas questões dentro da escola e na universidade, pois, ainda nos dias atuais, parece ser tabu falar de sexualidade mesmo em espaços de ensino.

Portanto, seria interessante a promoção de eventos, mesas redondas, debates e até mesmo palestras voltadas para a Educação Sexual e não apenas Orientação Sexual, apenas um dos elementos constituidores da Educação Sexual.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J.C. S. Da metodologia ativa à participativa. In: VEIGA, I.P. A. (Org.). **Metodologia participativa e as técnicas de ensino-aprendizagem**. Curitiba: CRV, 2017, p. 17-56.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação – PNE**. Brasília, DF: MEC, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm Acesso em: 24 jan. 2025.
- BROSE, M. O Marco Lógico: instrumento de gestão e comunicação. In: BROSE, Markus (Org.) **Metodologia Participativa: uma introdução a 29 instrumentos**. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2010.
- CAMPOS, Isabela do Couto. MIRANDA, Jean Carlos. **Educação sexual nas escolas: uma necessidade urgente**. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/732/513> Acesso em: 23/10/2025.
- DO CARMO, G., PEREIRA, J. R., & REZENDE, V. A. (2025). Metodologias participativas: Possibilidades para o fortalecimento teórico da gestão social. *Desenvolvimento Em Questão*, 23(62), e16002. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2025.62.16002>.
- FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 18. ed. São Paulo: Graal, 2007.

- LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 07-34.
- MEDEIROS, Laura Telles. *Educação sexual possível?: a perspectiva dos (as) estudantes sobre a gravidez na adolescência*. 1. Ed. Manhumirim, MG: Ed. Da Autora, 2020. E-book (PDF). ISBN 978-65-00-13741-5.
- MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu (orgs.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MORAIS, Johana de Angelis Cavalvanti de; RODRIGUES, Kleber Fernando. **CARTILHA DE ATIVIDADES LGBTI+**. Olinda, PE: IFPE – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco, 2020. Cartilha de Atividades. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/>.
- SILVA, Maria Cristina da; DUHART, Mônica Fernandes Rodrigues; PEREIRA, Patrícia Carolina de Souza (org). *Mitos e Tabus: educação sexual*. Alfenas: UNIFENAS, 2021. 1 livro digital. Disponível em: <https://www.unifenas.br/extensao/cursosonline/index.asp>.
- UNBEHAUM. Sandra G. **AS QUESTÕES DE GÊNERO NA FORMAÇÃO INICIAL DE DOCENTES: TENSÕES NO CAMPO DA EDUCAÇÃO**. 2014. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Programa de Pós Graduação Educação/Currículo, São Paulo. 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/9805/1/Sandra%20G%20Unbehaum.pdf> Acesso em 10/11/2025.